Avaliando o 'princípio básico'

Wilbur N. Pickering, ThM PhD

Qualquer pessoa que estudar a crítica textual do NT encontrará a seguinte afirmação: O princípio básico da crítica textual é: escolha a leitura que melhor explica a ascensão das outras (ou algo semelhante). O leitor não iniciado provavelmente não perceberá que a afirmação depende de certas pressuposições (que podem ser falaciosas). A crítica textual só existe para textos cuja redação original é considerada "perdida". Ninguém faz crítica textual no jornal de hoje ou na revista da semana passada. Ninguém sequer faz crítica textual da versão King James de 1611, uma vez que ainda temos cópia impressa dela. Qualquer pessoa familiarizada com o terreno sabe que durante os últimos 140 anos, aproximadamente, o mundo académico tem sido dominado pela noção de que a redação original do texto do NT está de facto "perdida".

Essa noção baseia-se diretamente na teoria de Hort. Essa teoria nega: 1) que os escritos do NT tenham sido divinamente inspirados; 2) que a Igreja primitiva os reconheceu como Escritura; 3) que receberam qualquer cuidado ou proteção especial. Como resultado, na altura em que a superstição e a credulidade dos cristãos elevaram os escritos do NT à condição de 'Escritura', o texto original estava irrevogavelmente "perdido", no sentido de que ninguém sabia o que era. Portanto, segundo a teoria, é impossível recuperar a redação original utilizando critérios objetivos; e então eles apelam para critérios subjetivos. (Deveria ser óbvio para qualquer pessoa pensante que isso coloca o crítico acima do texto. Note, ainda, que não há forma de saber se o encontraram.)

A noção de que o texto original do texto do NT está "perdido" rejeita (ou pelo menos ignora) a evidência histórica que mostra que a transmissão dos escritos do NT foi basicamente normal, desde o início. Essa noção também rejeita a grande maioria (90-95%) dos manuscritos existentes do NT que representam a tradição bizantina.[1] Feito isso, o que resta para os críticos trabalharem? Eles ficam com um punhado de MSS relativamente antigos que são tão díspares que não podem ser agrupados. Eles não apenas discordam da maioria, mas também discordam entre si. Eles sobreviveram porque são tão ruins que ninguém queria usá-los. Não têm 'pais' nem 'filhos', o que significa que foram produções privadas e não cópias honestas; eles não fazem parte de uma linha de transmissão.

Então, o que fazem os críticos quando esses poucos MSS discordam entre si? Eles perguntam: Qual leitura explica melhor a criação das outras? Então, que critérios eles usam para chegar a essa conclusão? Eles fazem perguntas como estas:

---

[1] Tendo rejeitado a inspiração divina do NT, eles rejeitam, é claro, qualquer solicitude divina por esse texto. Aqueles que negam a própria existência de um Criador Soberano insistirão logicamente que um ser inexistente não pode fazer nada.

1) Qual é o MS mais antigo?
2) Qual é o MS 'melhor'?
3) Qual é a leitura mais curta?
4) Qual é a leitura 'mais difícil'?
5) Qual leitura melhor se adapta ao estilo e propósito do autor?

A questão 1) baseia-se na analogia de um riacho, cuja água será mais pura na nascente; quanto maior a distância da fonte, mais contaminantes a água terá. Contudo, com referência aos MSS do NT a analogia é certamente falsa. É geralmente aceito que a maior parte dos danos sofridos pelo texto do NT aconteceu até o ano 200, a data atribuída aos nossos primeiros MSS de qualquer tamanho (P^{66}). Portanto, os nossos primeiros MSS poderiam estar cheios de "contaminantes".

Pergunta 2): Eles geralmente declaram o Codex B (Vaticanus, 03) como o "melhor" MS conhecido. Qual é a base para sua afirmação? Hort, com base nas suas preferências subjetivas (incluindo a antiguidade), declarou que B era de longe o "melhor" MS, e os críticos subsequentes geralmente concordaram com esse ditado. Mas existe alguma base objetiva para a afirmação? Até onde eu sei, não há nenhuma; a evidência objetiva disponível diz o contrário. (Minha avaliação também se aplica a todos os outros MSS mais antigos.)

As perguntas 3) e 4) são totalmente naturalistas, excluindo quaisquer considerações teológicas ou sobrenaturais. Hort importou-as do procedimento da escola Alexandrina para chegar à redação original de Homero. Qualquer pessoa que tenha cotejado qualquer número de MSS do NT, como eu fiz, sabe que esses critérios são falsos. Com referência ao NT, o critério de leitura "mais difícil" é obviamente perverso.

A questão 5) é totalmente subjetiva, sujeita ao capricho, preconceito, orientação teórica, perversidade pessoal do crítico, ou o que quer que seja. Este critério é patentemente inaceitável. Por que deveria ser permitido a qualquer servo de Satanás determinar a redação do Texto, com base em sua preferência pessoal?

Qualquer pessoa que respeite as evidências objetivas deve rejeitar os cinco critérios discutidos acima. Qualquer pessoa que respeite a evidência objetiva deve compreender que a transmissão do Texto do NT foi basicamente normal, e que a massa de MSS existentes devem receber o respeito que merecem. Todos os MSS conhecidos merecem ser cotejados, permitindo-nos assim agrupá-los empiricamente. As famílias definidas empiricamente devem então ser comparadas e avaliadas. A 'verdade' falaz, "MSS devem ser pesados, não contados", é uma fuga.